

3. Os interesses de Cristo

"Todos procuram os seus próprios interesses, não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21).

Situemos esta frase no momento em que vive São Paulo, e também na carta aos Filipenses, onde está escrita. Paulo está na prisão, não sabemos se em Roma, Cesareia ou Éfeso. São Paulo diz esta frase como um repentino desabafo, enquanto fala do seu discípulo e filho Timóteo, que ele quer enviar a Filipe, certamente com sacrifício, porque Timóteo é um conforto para ele também. Diz: "Espero no Senhor Jesus enviar-vos dentro em breve Timóteo, para que me traga notícias vossas e eu me sinta reconfortado. Pois não há ninguém como ele, tão unido comigo em sentimento, que com tão sincera afeição se interesse por vós. Todos procuram os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Quanto a ele, conheceis a sua inabalável fidelidade: tal como um filho ao pai, ele se dedica, comigo, a serviço do Evangelho". (Fl 2,19-22)

É, portanto, num contexto de solicitude pastoral e missionária, de cuidado pela comunidade cristã e de preocupação pelo serviço do Evangelho, que Paulo fala da dedicação de Timóteo e, em contraste com o comportamento dele, se queixa daqueles que procuram os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo.

O que significa procurar os interesses de Jesus Cristo e não os próprios? É importante entender, porque se pode deduzir pelas palavras de São Paulo que só procurando os interesses de Cristo, é que a nossa vida e vocação podem ser fecundas para a Igreja, para o Reino, podem servir o Evangelho, e assim servir a difusão da verdade, beleza e bondade do Evangelho, ou seja, da presença salvífica de Cristo crucificado e ressuscitado por todos.

Mas há outro elemento na carta aos Filipenses que sublinha a importância da convicção de Paulo, sobre todos aqueles que, em vez de procurarem os interesses de Jesus Cristo, procuram os próprios interesses. Esta frase, Paulo escreve quase imediatamente após o famoso hino cristológico sobre a humilhação e exaltação de Cristo em Filipenses 2,5-11:

"Dedica-vos mutuamente aos mesmos sentimentos de Cristo Jesus:

Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens.

E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.

Por isso, Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes

para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos.

E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor".

Pouco antes do hino, Paulo convida os Filipenses a renunciarem aos seus próprios interesses com uma frase semelhante da frase que começamos: "Não façais nada por rivalidade ou vanglória, mas deixem cada um de vós, com toda a humildade, considerar os outros como superiores a si próprios. Que cada um não procure o seu próprio interesse, mas também o dos outros" (Fl 2,3-4). Neste caso, não diz para renunciar aos próprios interesses para procurar os de Cristo, mas os dos outros, os interesses do próximo, dos irmãos e irmãs da comunidade, os interesses de todos. É evidente que para o Apóstolo, fazer os interesses de Cristo e dos outros, especialmente os irmãos e irmãs da própria comunidade ou os pobres, é a mesma coisa. Mas o fato que pode

variar por quem renunciamos os nossos interesses, acentua a insistência e a importância da decisão de viver para os interesses que não são os nossos. Procurar os interesses de outros e não os nossos, é uma decisão fundamental, independentemente de fazer os interesses de Deus ou do nosso próximo. Porquê? Porque a renúncia aos próprios interesses é a decisão fundamental do amor, da caridade. Mas acima de tudo, é a decisão que permite a nossa liberdade, e a nossa vida, de aderir a liberdade e vida do próprio Cristo, do Filho de Deus, que o hino em Filipenses 2 canta e celebra, como aquele que renunciou às Suas prerrogativas como Deus para se esvaziar, para se tornar um servo, um homem, humilhando-se até a morte de cruz.

São Bento, na Regra, fundou toda a sua vida e ascese monástica sobre a humildade de Cristo. Não se faz Profissão segundo a Regra sem aceitar a kenosi de Cristo, descrita no hino, como própria vocação e missão, como a forma e consistência da própria consagração monástica no viver o batismo.

Então é absolutamente importante se repetir a pergunta que fiz antes: O que significa procurar os interesses de Jesus Cristo e não os próprios? O que significa procurar os interesses de um outro mais do que os próprios? Se não compreendemos, não compreendemos o que significa ser monges e monjas, mas também não compreendemos o que significa ser cristãos.

Nas duas passagens citadas da carta aos Filipenses, Paulo não utiliza a palavra "interesse", que a tradução deve utilizar para dar o sentido da expressão grega e latina. Porque em grego, literalmente, Paulo escreve:

"Todos procuram as coisas que são suas, não as coisas de Jesus Cristo" (Fl 2,21).

"Não procurando cada um o que é seu, mas também aquilo que é dos outros" (Fl 2,4).

O que me chama atenção nestas expressões, é que lembram uma frase que Jesus disse sobre si e a sua posição perante Deus e a todos. É a resposta de Jesus de doze anos, aos seus pais angustiados que o encontraram após três dias, no templo entre os doutores: "Porque me procuravam? Não sabíeis que eu devo estar nas coisas do meu Pai?" (Lc 2,49)

Quando Paulo reclama que todos procuram os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo, não o faz apenas porque se encontra com poucos colaboradores em quem pode confiar na grande obra da evangelização. O faz em primeiro lugar porque vê que todos eles pretendem viver a vida cristã e talvez até a responsabilidade na comunidade e na missão, sem aderir a posição do próprio Cristo, à sua profunda e essencial humildade na concepção da sua missão, o seu estar entre os homens, e acima de tudo no seu estar diante do Pai. Jesus com doze anos, não diz que ficou no templo porque tinha coisas do Pai para fazer. Diz que é necessário para Ele *estar* nas coisas do Pai, ou seja, fazer os interesses do Pai com toda a sua pessoa e toda a sua vida, mesmo quando não faz nada.

São Bento pede-nos então que vivamos essencialmente assim a nossa vocação e missão, e a nossa consagração a Cristo. Mas quando dizemos sim, quando fazemos Profissão, fazemos assim? Quem se compromete com o sacramento do matrimônio, ou da Ordenação, faz assim? Estamos conscientes de que escolhemos a renúncia dos nossos interesses para viver pelos interesses de Cristo e, portanto, pelos interesses do Pai, e também pelos interesses dos outros, da Igreja e da humanidade, dos pobres, mais que pelos nossos próprios interesses?